

O LEGADO TEÓRICO DOS ESCRITORES NORTE-AMERICANOS: LITERATURA, VERDADE E TRADIÇÃO NA CRÍTICA DOS SÉCULOS XIX E XX

Hudson dos Santos Barros (FAMA)
hsbrush@ig.com.br

1. *Considerações iniciais*

A formação da cultura literária norte-americana contém em sua gênese e desenvolvimento profícuas reflexões acerca do valor da literatura (e das artes de um modo geral) como instrumento de construção de verdades e modos de ser. Mais do que um objeto de veneração estética, a escrita literária é considerada, por inúmeros escritores ao longo dos anos, uma forma de manifestação da vida, um meio especial de elaboração da verdade. Do século XIX ao início do XX, alguns dos principais escritores norte-americanos teceram pensamentos sobre o papel da leitura, da tradição, da arte e do escritor na constituição de uma cultura de excelência. No século XIX, Emerson e Thoreau defendem a autonomia do indivíduo, destacando a relevância da incorporação de leituras das principais obras do legado filosófico, religioso e literário universal.

Na esteira do Realismo, Howells, Dreiser e Henry James produzem significativos *insights* sobre a seriedade e o poder testemunhal do texto literário. No início do século XX, Pound e Eliot, evocam a força de elucidação de uma poética de ruptura e incorporação da tradição literária. O que une esses escritores de contextos tão diversos é a apologia do vigor formativo da literatura. Esse vigor não implica uma atribuição dogmática desta, isto é, a visão da literatura como uma corroboração de saberes consensualmente aceitos e inquestionáveis; antes, o literário é compreendido como uma marca histórica capaz de promover (tanto no escritor quanto no leitor) uma percepção mais questionadora dos movimentos humanos.

Essas considerações iniciais iluminam o caminho a ser trilhado no presente estudo. A partir de textos teóricos dos escritores acima referidos, pretende-se discutir a importância da associação entre literatura, verdade e aprendizado na cultura literária norte-americana. Objetiva-se aqui demonstrar que o texto literário é considerado como uma ferramenta indispensável para a consolidação de valores de excelência. Além do

corpus artístico, os citados escritores possuem reflexões teóricas que focalizam a relação entre obra e autoconhecimento, entre literatura e compreensão de mundo. Nesse repertório crítico, o literário é entendido como uma fonte de inovações do modo de ser, como uma instância que une a criatividade desprendida e a seriedade da busca intelectual. Tal estudo permitirá a visualização de significativas contribuições de uma tradição que, embora não muito antiga, se constrói com base em uma autoconsciência do valor da criação estética em mundo desordenado pelas contradições humanas.

2. O legado teórico dos escritores norte-americanos

No ensaio *Arte*, Emerson (2005, p. 220) afirma que a alma, por ser evolutiva, jamais se repete totalmente e que, em todo ato, busca produzir o novo e o belo. Para o referido autor, toda atividade espiritual possui um impulso criativo; a criação seria uma forma de iluminação sublime que ensina a exprimir um sentido mais amplo através de símbolos. Para Emerson, o artista e sua obra distinguem-se por representar o desconhecido, o inevitável e o divino e se lançar além do tempo presente. A produção artística manifestaria a excelência da alma, gravaria de modo significativo um rastro expressivo na história e tornaria oportuna uma nova concepção da realidade. Conforme explica, o artista é um emissário do mundo, pois conduz o pensamento à plenitude exclusiva do objeto; a entrega do artista e percepção apurada deste transcendem os hábitos e incitam a aprendizagem autônoma. Diz ainda que a obra de arte é universalmente inteligível e dialoga com seu interlocutor, de forma a engendrar revelações significativas: “A arte deve estimular e demolir os muros da circunstância.” (*Ibidem*, p. 221)

Vale acrescentar que, embora o pensamento de Emerson esteja associado à noção de autonomia do pensamento em detrimento da aceitação passiva das leituras, o escritor não ignora a necessidade de um conhecimento crítico de textos seminais da história literária, filosófica e religiosa. No ensaio *Autoconfiança*, ele cita três nomes fundamentais dessas três tradições: Moisés, Platão e Milton (*Ibidem*, p. 54). Emerson executa uma reapropriação das ações e discursos desses personagens com o fito de arquitetar seus argumentos sobre o tema da originalidade e da autonomia do pensamento. O ponto fulcral da argumentação reside na atestação, por parte de Emerson, do mérito que esses três possuem em ter ignorado livros e tradições. Eis uma frutuosa contradição no discurso do

escritor norte-americano: em seu argumento, ele se refere à tradição para combater a aceitação passiva desta.

Ao citar os referidos nomes, Emerson reconhece implicitamente a importância do saber histórico e da influência exemplar dos antigos no tempo presente. Ao defender a originalidade, ele se pauta na alteridade e no vigor do legado epistemológico. Um outro exemplo disso está no início de *Autoconfiança*, quando Emerson não hesita em dizer: “Um dia desses li algumas poesias, muito originais e nem um pouco convencionais, de autoria de um renomado pintor. Independentemente do assunto, em poemas como esses, a alma sempre ouve um conselho.” (*Idem*) Essas palavras ilustram que, embora a verdade esteja na independência intelectual e na intimidade da intuição, a fruição do poético pode ser fonte de sabedoria. No exemplo em questão, o texto literário surge como inspiração e fundamento para a construção das próprias verdades. Por fim, cabe observar que é por meio de poemas que Emerson inicia seus ensaios, fato esse que confirma a importância do literário para a expansão do intelecto e na edificação da busca filosófica.

Em *Leituras*, de *Walden*, Thoreau afirma que o ser humano se torna imortal quando lida com a verdade. Segundo explica, os livros são “o tesouro do mundo e a digna herança das gerações e nações” (THOREAU, s.d., p. 16); são aqueles que instruem e amparam o leitor e o conduzem a observação da verdade da natureza e de seu destino. O escritor é considerado como membro de uma aristocracia natural e irresistível da sociedade, sendo capaz de ter mais influência sobre a humanidade do que reis ou imperadores (*Ibidem*, p. 68). O escritor é aquele que fala ao intelecto e ao coração da humanidade, é alguém cujas palavras despertam o pensamento para além das coisas fúteis. Thoreau alerta, contudo, que não é qualquer escrito que possibilita esse despertar. Conforme afirma, existe uma leitura voltada para a satisfação de mesquinha conveniência; trata-se de uma leitura superficial cujo resultado é o embotamento da visão, a estagnação da circulação vital e a degeneração de todas as faculdades intelectuais.

Existe outra leitura, entretanto, capaz de colocar o leitor em alerta, de perturbá-lo e direcioná-lo à sabedoria. Diz Thoreau: “Devemos ler o melhor da literatura e não ficar repetindo para sempre o bê-a-bá, sentados a vida inteira na primeira fila da sala de aula.” (*Ibidem*, p. 69) Afirma posteriormente: “Somos uma raça de acanhados homens-pássaros e em nossos voos intelectuais elevemo-nos pouco mais alto do que as colunas dos jornais diários” (*Ibidem*, p. 75). Observa-se que Thoreau defende

uma leitura mais reflexiva e significativa. Para ele, a literatura (principalmente os clássicos) é uma forma de ascensão intelectual e moral, é uma ferramenta de desvencilhamento da mediocridade do cotidiano. A leitura do texto literário, caracterizada pelo esforço e pela paciência, opõe-se à voracidade de leituras que não exigem habilidades intelectuais mais ousadas e que não auxiliam a construção da nobreza do homem sábio.

Tanto Emerson quanto Thoreau percebem o texto literário como uma sublime realização humana. Para eles, a criação artística evidencia a grandiosidade da alma humana, sua capacidade de transgredir a superficialidade do cotidiano e perpetuar o viço das mais altas capacidades intelectuais. O escritor é visto como uma pessoa que possui dons especiais, como um indivíduo iluminado que assume com coragem sua destreza e que logra captar a essência da vida. Sua entrega é considerada exemplo da glória; sua produção, uma manifestação da condição divina do ato de criar. Neste, autor e obra se tornariam sacros, uma vez que emanariam as possibilidades do natural em um mundo cercado pelas limitações da ignorância. A obra surge, assim, como uma nova forma de geração de comportamentos. Para os dois pensadores, a leitura de textos literários pode ser um modo de descoberta de si, descoberta essa que acontece no real aproveitamento da obra, isto é, em uma leitura que permite a revelação de quem nós somos através de um espírito interessado e autônomo.

Na segunda metade do século XIX, os escritores do Realismo defendem a prática de uma literatura crítica, de uma literatura que denuncia as contradições de uma sociedade encantada com a evolução industrial e econômica em detrimento à valoração moral. A ideia é que o texto literário é veículo da verdade dos fatos. No artigo *Novel-writing and novel-reading: an impersonal explanation*, Howells (2007, p. 915) diz que o escritor deve ser um homem honesto, isto é, deve ser um transmissor do *knowledge of life* (conhecimento da vida). Para Howells, a beleza do romance está em sua verdade, em sua exposição fidedigna dos fatos testemunhados. Tal pensamento também é defendido por Dreiser (2007, p. 927) no texto *True art speaks plainly*, quando este afirma que “The sum and substance of literary as well as social morality may be expressed in three words – tell the truth.” Segundo o autor, a literatura precisa ser uma voz de denúncia contra os resultados nefastos das condições sociais de seu tempo, contra os vícios da riqueza, da pobreza e da ignorância.

Para Dreiser, a literatura não pode mascarar a realidade, escondendo-se sob o véu do discurso da moralidade; antes, ela deve conduzir o

leitor ao entendimento de seu mundo, mesmo que para isso desafie as convenções morais e artísticas. Segundo afirma, a verdade é o que é, e a revelação daquilo que é visto (de forma honesta e sem subterfúgio) é a execução da verdade (*Idem*). Assim como Dreiser, James (2007, p. 918-920) defende a sinceridade do texto literário. Em *The art of fiction*, Henry James diz que o romance precisa se levar a sério; acrescenta que a única razão para a existência deste é representar a vida. Para o autor, a ficção não se opõe à moralidade, ao lazer e à educação; no entanto, a literatura não pode prescindir da experimentação, da curiosidade, da troca de visões e da comparação de pontos de vista. Ainda que realize uma apologia à lei da execução, isto é, da liberdade de escolha do artista e da inovação, James fundamenta a inovação ficcional no poder de registrar a verdade.

A construção do romance depende de um olhar apurado do escritor, da capacidade deste em convocar sua experiência e torná-la fonte de aprendizagem. Ao lado da aventura da possibilidade criativa, o escritor captura o ritmo estranho e irregular da vida e torna o texto literário uma forma de testemunho crítico da realidade.

Para os escritores realistas, ficção não é o oposto de verdade. Segundo afirmam, o texto literário é um misto de registro e recriação; na captura do real, a técnica e a busca pela inovação narrativa e linguística se unem ao estranhamento da descoberta de um mundo hostil e excludente. A liberdade de expressão da obra se liga à visualização da escravidão das relações humanas e desponta como um grito de alerta às mentes incautas. Imaginação e verdade constituem a peripécia do dizer, a tentativa de reunir o despercebido em signos verossímeis e ousados. Na obra, o escritor ousa, pois constrói um mundo a partir do mundo, elabora um conjunto de diálogos e relações inéditas que apontam as contradições de realidades não evidenciadas por completo. Lançada na história, a ficção assegura o caráter eterno do texto literário ao tornar patentes os paradoxos humanos.

No contexto de geração do modernismo norte-americano, no início do século XX, Pound e Eliot escrevem sobre o poder divinatório da poesia em um mundo de caos, fugacidade e impossibilidade. Em *Retrospect*, Pound (1965, p. 35) corrobora a importância de um fazer poético que reconhece a atuação da tradição nas obras de nomes como Goethe, Dante e Milton. Nesse artigo, além da defesa do ritmo e do uso de imagens significativas, o poeta atesta a necessidade de leitura de escritores da literatura universal para a produção do novo. Segundo Pound (*Ibidem*,

p. 33), o esforço do poeta consiste em descobrir o que já foi escrito e o que resta aos escritores de seu tempo realizar. Ele condena a imitação e diz que não se devem trilhar os mesmos caminhos que os antigos. Esse reconhecimento do débito em relação à tradição está associado ao amadurecimento resultante de um saber acumulado; isso significa que a formação do autêntico depende diretamente da leitura e da reelaboração do já conhecido. De acordo com Pound, esse amadurecimento exclui a convenção e o clichê; conforme explica, vida e arte, técnica e verdade são elementos primordiais para a criação de uma poética inovadora.

Eliot também entende a poesia como uma forma de revelação baseada na reconstrução da tradição. No artigo *Tradition and the individual talent*, Eliot (2007, p. 1581-1582) argumenta que pensar a tradição é uma questão essencial. Declara que ela não pode ser herdada, mas que é resultado de um trabalho intelectual. Para o referido escritor, essa busca envolve a percepção do *historical sense*, ou seja, da compreensão de que um poeta só pode gerar o novo reconhecendo seu lugar na história literária: “No poet, no artist of any art, has his complete meaning alone” (*Ibidem*, p. 1582). Eliot explica que o *historical sense* compele o escritor a não somente dialogar com sua própria geração, mas também com seus predecessores.

Com tal diálogo, a tessitura da nova obra alteraria toda a ordem constituída, formando-se, desse modo, um organismo de formas inaugurais. A escrita literária torna-se possível, portanto, na aprendizagem eficiente do outro: a validação da nova verdade não elimina a conquista do saber histórico-literário, mas o lança em direções próprias, tanto no que se refere a aspectos estruturais quanto semânticos (*Ibidem*, p. 1583).

Para esses dois escritores, a relação entre o texto literário e a verdade exige o esforço de atualização dos temas e da experimentação linguística. Para tal, demanda a superação dos escritores consagrados de outrora. A leitura e a escrita literária despontam como um projeto de vida baseado na pesquisa estética, histórica e filosófica. Trata-se de um modo de vida que se afasta do automatismo imperceptível das massas alienadas; refere-se à concepção de uma existência que se recusa a se acomodar na ilusória sensação de bem-estar. Nessa intensa relação com o literário, os dois poetas convocam o leitor ao despertar que agride a passividade do cotidiano. No poema *The rest*, Pound (2007, p.1481) escreve sobre a competência diferenciada dos poetas. Estes são vistos como pessoas com uma percepção atenta da realidade, como amantes da beleza, por fim,

como indivíduos capazes de proferir verdades não compreendidas pela maioria.

No entanto, ainda que possuam tal destreza, eles são silenciados pelo descrédito: “You of finer sense, / Broken against false knowledge, / You who can know at first hand, / Hated, shut in, / mistrusted.” (*Idem*) Na poesia *A canção de amor de J. Alfred Prufrock*, Eliot retrata um homem de meia-idade envolto na mediocridade de um cotidiano que impossibilita a expansão reflexiva. Trata-se de um homem hesitante, que confessa sua futilidade e inépcia na procura de um sentido maior para sua vida:

Respeitoso, contente de ser útil,
político, prudente e meticuloso;
Cheio de máximas e aforismos, mas algo obtuso;
Às vezes, de fato, quase ridículo
quase o Idiota, às vezes.

(ELIOT, 2006, p. 69-74)

Esse poema se pauta na distinção entre aqueles que aproveitam com intensidade o tempo através do esforço intelectual e aqueles que se acomodam na banalidade e se permitem subjugar pelo pragmatismo. Pode-se ver, portanto, que tanto Pound e Eliot diferenciam entre os que estão despertos à experiência que maximiza as potencialidades do ser e à experiência que restringe as escolhas ao automatismo. No citado poema, Pound assim o faz de forma explícita na distinção entre os poetas e aqueles que desprezam a verdade. Já Eliot traça essa separação do modo implícito ao retratar um homem entregue ao imediatismo dos sentidos. Os dois poemas demonstram que a relação do indivíduo com a verdade demanda uma postura engajada. Eles sinalizam também uma provocativa concepção dos dois poetas (presente em outros poemas e em textos teóricos): conduzir o leitor, através do poético, a um envolvimento ativo com um autoconhecimento significativo.

Conforme se pode notar, alguns dos principais nomes da história literária norte-americana contribuíram significativamente na validação da importância da literatura para a formação da cultura e para a aprendizagem pessoal. Cunliffe explica que, desde o século XVIII, havia uma preocupação com a criação de uma tradição literária nos Estados Unidos cujo objetivo era romper os laços de submissão cultural com a Inglaterra. A literatura norte-americana estava desprovida de temas locais e escritores consagrados; além disso, as obras inglesas tinham grande circulação no país, de modo que muitos livros chegavam a ser pirateados.

A nova república, portanto, erguida após a independência de 1776, demandava uma autonomia cultural imprescindível à identidade da nação: “a independência política não trouxera independência cultural, e a primeira provocava um clamor em prol da segunda.” (CUNLIFFE, s.d., p. 54) Mais à frente, afirma Cunliffe: “Tais eram algumas das perplexidades da literatura americana durante os primeiros anos da nova república. Contra elas deve ser colocada a grande fé americana na melhoria, fé que iluminava o escritor e o especulador de terrenos, sem distinção.” (*Idem*) Já de acordo com os escritores comentados neste estudo, para o campo da formação cultural, a literatura é vista como uma herança histórica que transcende sua época e se incorpora no imenso legado artístico universal. Herança essa que é capaz de nutrir a alma de contínuas gerações e promover a construção de novas possibilidades de escrita e de pensamento.

O literário é considerado um “artefato” de valor da sociedade, uma presença que se atualiza as questões humanas através de leituras compromissadas com a construção de novas vias reflexivas. A aquisição desse saber associa-se a um esforço de aprendizagem, a uma dedicação que exige um afastamento do pragmatismo cotidiano. Esse esforço não implica somente a memorização, tampouco uma interpretação circunscrita às fronteiras do textual; antes, ele demanda uma expansão crítica, isto é, o diálogo entre o novo saber e o anterior, de sorte que tal confrontação permita relacionar a experiência interpretativa e o desvelar das conjunturas humanas. Nessa confrontação, o real não se apresenta apenas como um fenômeno circunscrito à percepção sensorial; antes, ele se desnuda como uma fonte de possibilidades hermenêuticas, ou seja, como um saber permanentemente destinado à reavaliação e à modificação¹¹⁸.

Para os escritores destacados, a literatura é um instrumento de amadurecimento da visão de mundo. Os textos analisados demonstram que a relação entre sujeito e texto literário liga-se à constituição de um modo de vida baseado na autonomia intelectual, na leitura aprimorada e na compreensão crítica da realidade. Para que isso aconteça, no entanto, torna-se indispensável o entendimento de que a literatura deve ser levada a sério, de que ela é uma ferramenta de reelaboração intelectual e ética.

¹¹⁸ Vale acrescentar que, nos séculos seguintes, essa rígida dicotomia entre a nova nação e a Europa iria ser atenuada e/ou desaparecer nas vozes de escritores como Henry James, Eliot e Pound. A literatura norte-americana seria vista então como uma imprescindível fonte de contribuição para a literatura universal.

Em outras palavras, a leitura do texto literário relaciona-se ao exercício de autoconhecimento e à instigação da curiosidade epistemológica. Nesse exercício, o indivíduo se projeta à concretização das potencialidades do ser. O saber, mais do que um conjunto de informações, transforma-se em um instrumento eficaz de tomada de decisões. As verdades testemunhadas pela literatura constituem um arcabouço capaz de despertar no leitor novas atitudes frente aos paradoxos das relações humanas, tornam-se uma referência na elucidação do próprio, um fundamento de reestruturação das verdades individuais. Portanto, no literário, a criação artística e a verdade não são excludentes, mas possibilitam a irrupção de conhecimentos significativos.

3. *Considerações finais*

Por fim, foi observado que, desde sua origem, a literatura norte-americana contou com escritores que reconhecem a indispensabilidade da relação entre a arte, a verdade e a tradição. Tais escritores, além de terem contribuído com um legado que hoje é considerado como parte de um relevante *corpus* literário, colaboraram na instauração de um repertório teórico que ratifica o vigor da aprendizagem literária (e de sua produção) na representação e no entendimento dos paradoxos da existência. Essa aprendizagem exige o reconhecimento do ser humano como um ser histórico que necessita da alteridade para a construção de si.

A concepção veiculada por esses escritores de diferentes épocas e ideias é que o indivíduo não é apenas parte de seu mundo contemporâneo, mas também um ente imerso na grandiosa sociedade universal. Por tal razão, a descoberta de si e do outro perpassa a leitura de textos que, com valiosa qualidade estética, testemunharam, ao longo dos anos, entrelaçamentos de ações humanas que atestam que a diferença apenas se possibilita na compreensão do que existe de compartilhado entre homens e mulheres de todos os tempos. Daí a ênfase conferida à tradição literária (artística) como fonte de pesquisa para a apreensão dessas verdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYM, Nina et alii. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. A, B, C, D, E. 7. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

CUNLIFFE, Marcus. *A literatura dos Estados Unidos*. São Paulo: Revista Branca, s.d.

DREISER, Theodore. True art speaks plainly. In: BAYM, Nina et alii. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. C. 7. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

EMERSON, Ralph Waldo. Arte. In: _____. *Ensaaios*. Trad.: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ELIOT, T. S. Tradition and the individual talent. In: BAYM, Nina et alii. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. D. 7. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

_____. A canção de amor de J. Alfred Prufrock. In: _____. *Poesia*. Trad.: e notas: Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HOWELLS, William Dean. Novel-writing and novel-reading: an impersonal explanation. In: BAYM, Nina et alii. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. C. 7. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

JAMES, Henry. The art of fiction. In: BAYM, Nina et alii. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. C. 7. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

POUND, Ezra. A retrospect. In: SCULLY, James. *Modern Poetics*. New York: McGraw-Hill Book, 1965.

_____. The rest. In: BAYM, Nina et alii. *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. D. 7. ed. New York: W.W. Norton & Company, 2007.

SCULLY, James (Org.). *Modern Poetics*. New York: McGraw-Hill Book, 1965.

THOREAU, Henry Davidem *A desobediência civil*. Trad. Sergio Karam. São Paulo: L&PM Pocket, s.d.